

10  
112



I CONFERENCIA GENERAL DE HISTORIA DE LA  
IGLESIA EN AMERICA LATINA

C E H I L A

México, 10-13 de octubre de 1984

103

P O N E N C I A

Mesa redonda  
Seminario o Taller /

Ponencia

A COLABORAÇÃO DOS RELIGIOSOS NA IMPLANTAÇÃO DA REFORMA CATÓLICA NO BRASIL

( 1840 - 1920 )

O catolicismo foi implantado no Brasil pela atuação da Coroa lusitana, em força do direito de Padroado, que lhe havia sido conferido pela Santa Sé. Nessa perspectiva a Igreja institucional era considerada basicamente como um departamento do Estado Lusitano administrada pela Mesa da Consciência e Ordens.

Inserida no projeto colonial lusitano, e vivendo numa ampla dependência do Estado, a instituição eclesiástica não teve papel relevante nos três primeiros séculos de história do Brasil. A atuação mais expressiva foi das ordens religiosas - especialmente jesuitas, franciscanos e carmelitas - com atividades missionárias e educacionais.

Com a expulsão dos jesuitas a partir de 1759 os demais institutos religiosos entram em crise, também sob a influência das ideias iluministas e liberais; esta crise é acentuada durante a época imperial pelas restrições do governo quanto a recepção de novos membros.

Por outro lado, desde o início da época imperial se fizeram ouvir vozes cada vez mais insistentes sobre a necessidade de reforma do catolicismo brasileiro.

Esses apelos partiam em primeiro lugar da Nunciatura Apostólica; o primeiro nuncio, aliás, chegara acompanhando a família real em 1808, com a transferência da Corte lusitana para o Brasil. Os representantes da Santa Sé denunciavam uma vivência da fé católica por parte do clero e do povo bem distante dos ideais tridentinos.

Análogas críticas ao tradicional catolicismo luso-brasileiro eram feitas por numerosos viajantes <sup>européus!</sup> que atravessavam o país de norte a sul em expedições de caráter científico, mediante a publicação de artigos e em seus volumes de crônicas.

As denúncias encontram eco na esfera política, com votos de parlamentares para que o governo tomasse medidas nesse sentido.

Em vista disso, desde o início do Segundo Reinado a Coroa imperial preocupou-se em nomear para as sedes episcopais pastores que se ocupassem efetivamente da reforma do clero e do povo cristão. Dessa forma, mediante o incentivo imperial e o apoio decidido da Santa Sé, através da nunciatura apostólica, tem início o movimento dos bispos reformadores. Trata-se de um movimento de cunho autoritário, no sentido de que a obra reformista era planejada e levada a efeito pelo próprio episcopado.

Não obstante, apesar de resistências encontradas seja por parte do clero seja por parte do povo, o movimento reformador conseguiu ampliar-se e consolidar-se no espaço de poucas décadas. Isso se deve especialmente à colaboração de numerosos religiosos vindos da Europa.

Desejo neste estudo analisar o significado dessa colaboração mediante três tópicos principais: especificando, em primeiro lugar, que tipos de religiosos atuaram no movimento reformista; em seguida, procurando detalhar as principais atividades empreendidas por esses institutos religiosos; por último, fazendo uma avaliação do significado de sua presença na sociedade brasileira.

Iniciado em meados do século XIX, já em fins da segunda década deste século o movimento reformador estava solidamente implantado no Brasil, com o fortalecimento da instituição eclesiástica, nos moldes tridentinos, e sob a influência do pensamento ultramontano; daí os limites cronológicos por mim adotados. Consolidada como instituição, a Igreja busca a partir dos anos 20 uma presença mais significativa dentro da sociedade brasileira, na etapa designada como Restauração Católica.

## I- OS INSTITUTOS RELIGIOSOS | UMA PRESENÇA SIGNIFICATIVA

O êxito da implantação da Reforma Católica no Brasil dependeu sem dúvida em grande parte da efetiva colaboração dada pelos institutos religiosos. Com apenas sete dioceses criadas no período colonial, o Brasil atingiu o número de doze bispados ao longo da época imperial. Os religiosos constituíram a "longa manus" desses poucos prelados que estavam à frente das dioceses para promover os ideais reformistas.

Nesta colaboração, atuaram quatro grupos: em primeiro lugar, novos institutos vindos da Europa por solicitação direta do episcopado ou com sua plena anuência, para iniciar suas atividades no país; merecem também uma referência especial os jesuitas e os capuchinhos, pelas características específicas de sua atividade nesse período; em terceiro lugar, devem ser mencionados os religiosos vindos especialmente para a reforma das tradicionais ordens monásticas aqui existentes desde o período colonial; por último, convém acenar também às congregações religiosas fundadas no país, em via de regra seguindo os moldes europeus tridentinos.

### Novos institutos religiosos

O primeiro instituto religioso implantado no Brasil no século XIX foi a Congregação da Missão. Conhecidos como padres lazaristas, esses religiosos se estabeleceram em Minas Gerais, na serra do Caraça, a partir de 1818. Segundo a nunciatura apostólica, eles constituíram nos primórdios da época imperial o único grupo comprometido com os ideais tridentinos. Os políticos liberais, porém, entre os quais alguns clérigos, protestaram contra a presença desses religiosos lusitanos, acusando-os de serem contrários aos interesses da independência do Brasil.

Em 1844 o imperador D. Pedro II escolheu para o bispado de Mariana o religioso lazarista Antônio Ferreira Viçoso. Este prelado passou a liderar o movimento dos bispos reformadores, e solicitou logo para a diocese a colaboração francesa dos lazaristas e das Filhas da Caridade. Aos lazaristas franceses foi confiada a direção do seminário, visando a reforma do clero, bem como missões populares entre o povo; às irmãs da caridade o cuidado dos enfermos e obras de assistência social, além de atividades na área educativa feminina. Tanto os <sup>la</sup>zaristas como as irmãs da Caridade foram pouco a pouco ampliando a sua ação em outras dioceses, como Diamantina, Ceará, Bahia e Rio de Janeiro, tornando-se os mais importantes colaboradores do episcopado na época imperial.

Na última década do império outras congregações vieram dar sua contribuição para o movimento reformista. Em 1882 chegaram da França os dominicanos, instalando-se em Uberaba, Minas Gerais, região então pertencente à diocese de Goiás. Ajudaram o bispo no trabalho de missões populares e iniciaram a atividade missionária na região do rio Araguaia.

Em 1883 estabeleceram-se no Brasil os salesianos, vindos da Itália, fundando ainda na época imperial educandários para a juventude em Niterói e São Paulo.

Em 1888 vieram para o Brasil os primeiros religiosos de São Carlos ou escalbrinianos, destinados especificamente ao cuidado dos imigrantes italianos, instalando-se inicialmente no Pará e no Espírito Santo.

Ainda em fins da época imperial chegaram também os padres franceses da congregação do Espírito Santo, cuja atuação ficou restrita inicialmente à diocese do Pará, incluindo em seguida atividades missionárias na região amazônica.

Nessa mesma época começaram a trabalhar no Brasil os padres palatinos, dedicados também à assistência dos imigrantes.

Diversas congregações femininas tem atuação significativa no Brasil desde a época imperial. Em primeiro lugar merecem relevo especial as Filhas da Caridade, vindas da França para colaborar inicialmente junto com os padres lazaristas na diocese de Mariana, extendendo rapidamente suas atividades a outras regiões do país. Muito importante também a presença das irmãs de São José de Chambery, na região centro-sul do país, a partir de meados do século passado. Na mesma época as irmãs doroteias implantavam sua obra no nordeste.

Já nas últimas décadas da época imperial chegavam ao Brasil as religiosas de Santana, que se instalaram no norte do país, enquanto as Franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã se estabeleciam no Rio Grande do Sul.

Nos últimos anos da época imperial chegaram ao Brasil as Dominicanas de N. S. do Rosário de Montells, atuando junto aos dominicanos em Minas e Goiás, <sup>além das</sup> e as religiosas de N. S. do Sion e as Capuchinas de Loano.

Os institutos religiosos foram sem dúvida a mola propulsora da reforma católica no Brasil.

Durante a época imperial, foi ainda relativamente pouco numeroso o ingresso de novas ordens e congregações religiosas, em vista das restrições do governo.

Com a proclamação da república e a separação entre Igreja e Estado as portas do país se abrem, e se multiplicam as ordens e congregações tanto masculinas como femininas que se estabelecem no Brasil. Diversos desses institutos continuaram a vir por solicitação direta do episcopado. Não poucas religiosos, porém, em fins do século XIX e primórdios do século XX aportaram no país em vista da expulsão de países da Europa, como no caso da França em 1903 ou de Portugal em 1910.

Como na perspectiva dos bispos a reforma católica deveria ser implantada a partir de moldes europeus, esses institutos religiosos recebiam sempre benévola acolhida.

### Jesuitas e Capuchinhos

Importante também foi a colaboração oferecida pelos jesuitas e capuchinhos durante a época imperial, com características bastante específicas, pois a presença desses institutos já se fizera sentir desde a época colonial.

Os jesuitas haviam sido expulsos do país por ordem de Pombal em 1759. Todavia a partir de 1842 ingressaram de novo no Brasil de forma camuflada, vindos do Uruguai: esse grupo era de origem espanhola. Nas décadas sucessivas tanto os jesuitas da Itália como da Alemanha enviaram colaboração para a ação do episcopado: os jesuitas alemães se estabeleceram no sul do país, enquanto os italianos fundaram sua obra inicialmente em Itu, na província de São Paulo, com presença temporária no nordeste. Já sem os antigos colégios e fazendas que haviam perdido com a expulsão, passaram a atuar inicialmente na área das missões populares, recomeçando pouco a pouco a atividade educativa. Embora sem revogar as leis restritivas à presença jesuítica, o governo imperial tacitamente permitiu sua atuação, desde que não implicasse em envolvimento político. Quando houve acusações infundadas de que os jesuitas estavam envolvidos no movimento do Quebra-Quilos, no nordeste, foram expulsos da região.

Capuchinhos franceses e italianos haviam atuado em determinados períodos no Brasil colonial. A partir da época imperial, a vinda desses religiosos passou a ser solicitada expressamente pelo governo, afim de assumirem as atividades missionárias interrompidas pela expulsão dos jesuitas e pela crise de outras ordens religiosas. Na mente do governo, os capuchinhos deviam ativar o processo de "civilização" dos indígenas, de modo a permitir o aproveitamento agrícola das terras, sobretudo do Centro-Oeste, sem a resistência dos aborígenes. Os religiosos capuchinhos atuaram também como capelães durante a guerra do Paraguai. Em reconhecimento por essa participação de cunho nacionalis

ta, o governo decidiu a nomeação do primeiro bispo capuchinho brasileiro, D. Frei Vital, para a diocese de Olinda. Em modo mais intenso do que os jesuitas, os capuchinhos italianos colaboraram também com os bispos reformadores ~~na~~ na pregação das missões populares. ~~Merece~~ Merece referência especial a colaboração dada pelos capuchinhos vindos da Saboia na reforma do seminário de São Paulo.

Após a proclamação da república, tanto os jesuitas como os capuchinhos italianos puderam aplicar sua presença no Brasil, sobretudo com a criação de casas de formação que permitissem recrutar brasileiros para suas fileiras.

#### Reforma das antigas ordens

Em fins da época imperial, as antigas ordens que tinham conseguido sobreviver à longa crise estavam em estado de penúria e decadência: penúria pelo número de membros, estando os amplos conventos com pouquíssimos religiosos, e alguns mesmo praticamente abandonados; decadência do espírito religioso, vivendo com frequência os frades fora do claustro, preocupados por vezes com outras atividades econômicas, e com atuação pastoral bastante reduzida. Tal era a situação tanto dos franciscanos, como dos carmelitas e beneditinos. Não obstante a crise, eram ordens que a partir do século XVIII haviam assumido uma tônica mais voltada para a realidade brasileira.

Já desde a época imperial, através da nunciatura apostólica, a Santa Sé tentava realizar a reforma dessas ordens. Faltava-lhe porém o apoio do governo imperial, que esperava pacientemente o esvaziamento dos conventos para aproveitar-se dos patrimônios desses religiosos, considerados pela legislação vigente como <sup>propriedade</sup> "mão morta".

Com a proclamação da república e a subsequente separação entre Igreja e Estado, foi possível à Santa Sé enviar confrades da Europa para esses conventos em crise e decadência. A reforma dos franciscanos foi empreendida principalmente mediante a vinda de frades alemães; a reforma dos beneditinos foi feita por monges belgas e alemães; a reforma dos carmelitas foi efetuada por religiosos <sup>espanhóis</sup> holandeses. A vinda de sucessivas levas de monges e frades fez com que essas antigas ordens perdessem temporariamente seu caráter brasileiro, e ficassem vinculadas aos centros da Europa. Não obstante, mediante esse reforço europeu tais institutos puderam não apenas ser revitalizados, como também iniciarem nova fase de expansão pelo território brasileiro.

## Congregações religiosas fundadas no Brasil

Nenhum instituto religioso masculino foi fundado no Brasil nesse período; ao invés, diversas foram as fundações femininas.

As congregações femininas que surgem no país a partir de meados do século passado podem ser divididas por suas características em três grupos: em primeiro lugar, congregações originadas de antigos recolhimentos; em força da transformação de antigos recolhimentos em conventos, as mulheres que ali viviam como recolhidas passaram à categoria de freiras, com o reconhecimento da autoridade eclesiástica. Em segundo lugar, congregações originadas de fundações europeias; a vinda de religiosas de congregações que estavam em crise ou extinção na Europa, deu lugar a novas fundações brasileiras, em geral inspiradas em seus precedentes núcleos europeus. Por último, congregações que se iniciam no Brasil, embora tendo em geral como fundadores religiosos vindos da Europa.

Entre as congregações que tem suas raízes em antigos recolhimentos estão as religiosas que vivem no antigo recolhimento de Macaúbas, fundado por Felix da Costa em Minas Gerais, bem como as Irmãs de Nossa da Glória, estabelecidas no antigo recolhimento da Glória do Recife.

Entre as congregações de origem europeia, estão as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que se estabeleceram no Brasil como fundação autônoma a partir de 1849; a Congregação dos Santos Anjos, fundação francesa de 1831, e que assumiu características brasileiras a partir de 1893; a congregação de N. S. das Dores, também de origem francesa, considerada fundação brasileira a partir de 1919.

Enfim, entre as congregações que surgiram nesse novo período merecem ser lembradas, entre outras, as Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, fundadas em 1892 em Minas Gerais; a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundadas em Santa Catarina em 1895; a Congregação das Carmelitas da Divina Providência, fundação mineira de 1899; as Franciscanas do Coração de Maria, fundadas em 1900 em Campinas, estado de São Paulo.

Dos três grupos, sem dúvida as que apresentavam características mais brasileiras eram as religiosas vinculadas aos antigos recolhimentos; mas a partir de fins do século passado sofreram a influência do movimento reformista, assumindo progressivamente a padronização tridentina exigida pela Santa Sé. Os outros dois grupos, aliás, já desde o início se amoldaram as características impostas pela Cúria Romana.

Em vista dessas circunstâncias, nenhum desses institutos religiosos causou um impacto verdadeiramente significativo na sociedade brasileira.

## II - PRINCIPAIS ÁREAS DE ATUAÇÃO DOS RELIGIOSOS

Ao multiplicar pelo Brasil seus conventos e casas religiosas, os membros dos institutos religiosos vindos da Europa bem como das congregações fundadas no país atuaram geralmente em consonância com o grande plano do episcopado de reforma do clero e do povo cristão. Dentro dessas metas gerais, porém, assumiram eles tarefas específicas. Algumas delas foram exercidas apenas por institutos masculinos, outras exclusivamente por congregações femininas; em alguns setores, por fim, atuaram conjuntamente homens e mulheres. É o caso da educação, com colégios para meninos dirigidos por religiosos e colégios para meninas dirigidos por freiras. Desses diversos setores de atuação, alguns merecem uma análise mais detalhada.

Direção de seminários. A reforma do clero era uma das metas prioritárias do episcopado brasileiro. Diversas congregações religiosas, por solicitação dos prelados, assumem nesse período a direção dos seminários diocesanos com uma intenção declaradamente reformadora: tratava-se de formar os novos candidatos ao sacerdócio dentro dos moldes auspiciados pela Santa Sé. Três eram os enfoques principais da reforma implantada nos seminários: em primeiro lugar, melhorar o nível de cultura especificamente eclesiástica dos futuros sacerdotes, com ênfase na teologia dogmática e moral e no direito canônico; em segundo lugar, criar no clero uma espiritualidade de valorização da dignidade episcopal em contraposição ao laicato, apregoando simultaneamente uma observância mais estrita do celibato; por último, orientar as preocupações do clero para a área exclusivamente religiosa, indicando como lugares próprios da presença ~~litúrgica~~ sacerdotal o altar, o púlpito e o confessionário. Em consequência dessa nova perspectiva, exigia-se um afastamento dos clérigos das preocupações de natureza política e social. A atuação sacerdotal devia restringir-se ao recinto das igrejas, com nitida separação entre o mundo sagrado, onde se exerciam as funções eclesiásticas, e o mundo profano, com seus problemas de ordem política e econômica, considerados aliás sem significação para o plano de salvação.

A congregação que mais se destacou nessa atuação foram os padres lazaristas assumindo a direção dos principais seminários brasileiros. Com razão, pois, foram considerados os grandes reformadores do clero do Brasil. Em São Paulo, merece ser destacada a colaboração dos capuchinhos vindos da Saboia, enquanto no sul do país devem ser lembrados os jesuitas alemães.

Paróquias e igrejas públicas. Dada a relativa escassez de vocações para o clero sécular, os religiosos foram com frequência solicitados nesse período para assumir a direção de inúmeras paróquias, colaborando assim com a ação reformadora do episcopado.



Com esse atendimento os religiosos podiam completar a nivel de população adulta a ação que já efetuavam entre a juventude nos colégios. Com frequência, ao lado dos estabelecimentos educativos era construída uma igreja que, mesmo não sendo paróquia, recebia autorização episcopal para o atendimento da população circunstante. Contando geralmente o colégio com um número significativo de sacerdotes, podiam eles nos domingos e dias festivos multiplicar o atendimento dos fieis, dentro dos padrões idealizados pela reforma católica: frequência dos sacramentos da confissão e comunhão, e rigidez moral como orientação de vida. A maior parte das congregações religiosas, sem descuidar suas tarefas específicas, passou a exercer atividades a nivel paroquial. Não obstante o esforço de reforma dos seminários, as vocações para o clero secular não chegaram a ser em numero suficiente para cobrir as necessidades de multiplicação de paróquias, sobretudo após a proclamação da república. Dessa forma, mesmo sem ter <sup>elementos</sup> religiosos preparados diretamente para o ministério ~~pastoral~~ pastoral, os religiosos acabavam cedendo diante das inúmeras instancias do episcopado. Convem recordar aliás, que a própria visão da atividade pastoral nesse período estava marcadamente influenciada pela espiritualidade típica das comunidades religiosas.

Missões populares As missões populares representaram um esforço significativo no sentido de levar até às camadas populares o espírito da reforma católica. A atuação dos missionários fazia-se sobretudo em dois níveis: um doutrinário e outro prático. A orientação missionária era dada tanto através das práticas ou sermões, como mediante preleções catequéticas. Nessa transmissão da doutrina eram enfatizadas as verdades da fé, dentro dos esquemas tridentinos, com um cunho marcadamente apologético: contrapor as verdades católicas aos "erros" do protestantismo, do espiritismo, da maçonaria liberal e do ~~espiritismo~~ positivismo. A atuação pastoral visava trazer o povo a uma vinculação mais forte com a Igreja institucional, através da prática sacramental mais intensa: confissões e comunhões gerais, batismos e casamentos, incluindo a legitimação eclesiástica de uniões matrimoniais já estabelecidas anteriormente. Tanto a atuação doutrinária como a prática sacramental visavam criar na população padrões morais mais severos, sobretudo com relação à sexualidade, e uma atitude conservadora diante da ordem social, com recomendação de obediência às autoridades constituídas. Entre as diversas congregações que se dedicaram às atividades missionárias desde a época imperial merecem relevo os lazaristas, os jesuitas e os capuchinhos. A partir dos primórdios da república vieram juntar-se a eles os redentoristas, para os quais a pregação das missões entre o povo constituia uma das metas específicas da congregação.

Controle dos Centros de devoção Os centros de devoção popular constituíam na época imperial as forças mais significativas do tradicional catolicismo luso-brasileiro. Por essa razão, uma das metas ~~significativas~~ específicas do projeto reformador do episcopado era que a direção desses santuários passasse das antigas irmandades para institutos religiosos. A missão dos religiosos seria, na expressão do bispo de Goiás D. Eduardo, "cristianizar as romarias". Em outras palavras: aproveitar a numerosa afluência deromeiros a esses santuários para inocular neles os novos valores do catolicismo romano, seja em termos de doutrina e de moral, seja em termos de prática sacramental. Essa mudança de direção não foi sempre pacífica, encontrando por vezes forte resistência dos leigos que mantinham sob seu ~~controle~~ <sup>domínio</sup> esses centros devotos. No projeto dos bispos a direção dos religiosos possibilitaria também um controle maior das finanças dos santuários, canalizando parte ~~significativa~~ relevante das esmolas oferecidas pelos devotos para as necessidades das dioceses e para a formação do clero. Na reorientação dos santuários de romarias destacaram-se os redentoristas, que já em fins do século passado tinham a direção dos santuários de Aparecida e da Penha em São Paulo, e do santuário do Padre Eterno em Goiás. No Pará, os barnabitas assumiram o controle do santuário de N. S. de Nazaré, enquanto o santuário do Bom Jesus de Pirapor em São Paulo era confiado aos padres premonstratenses. Na direção do santuário de Bom Jesus de Congonhas do Campo atuaram primeiramente os lazaristas franceses, e em seguida os redentoristas holandeses. Outros exemplares poderiam ser citados nessa mesma perspectiva.

Imprensa católica. Outra forma importante de colaboração dos religiosos com o projeto reformador do episcopado foi a difusão da imprensa católica. Nesse período, de fato, tanto as novas congregações religiosas como as antigas ordens reformadas multiplicaram a publicação de revistas, livros, opúsculos e folhetos, visando diretamente a consolidação do espírito tridentino entre a população católica alfabetizada. Grande parte do conteúdo dessas publicações eram traduções de autores e textos europeus sintonizados com a tônica ultramontana que a Igreja Católica passava a assumir ao longo do século XIX, com uma característica nitidamente apologética e anti-liberal. Dentro dessa mesma ótica convem dar destaque aos numerosos devocionários e livros piedosos, destinados a fortalecer a ruptura que a Santa Sé desejava então promover com relação à modernidade científica e ao espírito liberal democrático. Tais características marcam a produção das edições dos salesianos, dos franciscanos, dos claretianos, dos barnabitas, dos jesuitas e dos dominicanos, entre as mais significativas desse período. Enquanto os jesuitas publicavam a revista Mensageiro do Coração de Jesus, os dominicanos publicavam o Mensageiro do Rosário. Os salesianos por sua vez, publicavam em Niterói as Leituras Católicas e em São Paulo a revista Santa Cruz. Nessa mesma época os claretianos iniciavam a publicação da revista Avé <sup>Ma</sup>.

e os franciscanos as Vozes de Petrópolis.

Colégios e estabelecimentos de educação. Atendendo às solicitações do episcopado os religiosos vindos ao Brasil desenvolveram ampla atuação na área escolar. A razão principal que levava os bispos a pedir essa colaboração era o intento de contrapor a escola católica ao ensino protestante, e em seguida também à escola leiga. Os colégios católicos tornaram-se de fato importantes veículos de penetração da mentalidade tridentina e ultramontana entre a juventude, quer através das aulas de religião, ministradas obrigatoriamente a todos os níveis de ensino, quer mediante a exortação frequente a uma prática sacramental mais intensa, facilitada pela missa cotidiana muitas vezes obrigatória, com atendimento de confissões. Nos colégios católicos eram também promovidas associações religiosas juvenis, que visavam fortalecer o ~~uma~~ espírito do catolicismo romano.

Já na época imperial alguns colégios tornaram-se importantes na educação tanto dos filhos da antiga aristocracia rural como da nova burguesia emergente. O primeiro deles foi o colégio do Carapá, dirigido pelos lazaristas portugueses e seguida pelos franceses, em Minas Gerais; em seguida surgiu o colégio São Luis de Itu, na província de São Paulo, sob a direção dos jesuítas italianos, e mais tarde o colégio Anchieta de Nova Frigurgo, também a cargo dos jesuítas. Na última década imperial os salesianos fundaram o colégio Santa Rosa em Niterói e o Liceu Coração de Jesus em São Paulo.

Também alguns institutos religiosos femininos criaram estabelecimentos dignos de menção para a juventude feminina. Entre os diversos educandários fundados pelas Filhas da Caridade merece relevo o colégio da Imaculada Conceição na praia do Botafoga, no Rio de Janeiro. Além da fundação principal em Itu, as irmãs de São José de Chambery estabeleceram internatos importantes em São Paulo e Tubatã. No nordeste destacaram-se pela ação educativa as religiosas doroteias.

Com a proclamação da república multiplicaram-se os colégios católicos masculinos e femininos, tendo à frente padres e freiras de diversas congregações. É importante colocar em evidência na área da educação da juventude masculina dois institutos de irmãos leigos, os maristas e lasalistas, sobretudo no centro-sul do país.

Assistência aos imigrantes. Durante o século XIX surgiram na Europa alguns institutos destinados especificamente para atuarem junto aos imigrantes, enquanto outros colocaram essa atividade entre suas metas prioritárias. A partir de meados do

século passado houve uma presença significativa de imigrantes no Brasil, sobretudo de nacionalidade italiana, alemã e polonesa, estabelecidos prevalentemente no Espírito Santo e nos estados do sul do país: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e parcialmente também em São Paulo. Algumas congregações religiosas, como os escalabrinianos, tinham como característica exclusiva o atendimento de imigrantes italianos, enquanto outras, como os salesianos, incluíam a ~~uma~~ assistência aos imigrantes em suas metas pastorais, embora a preocupação prioritária fosse com a educação da juventude. Na área da imigração atuaram também congregações femininas. Ao dedicar-se ao atendimento dos imigrantes os religiosos tinham duas metas específicas: preservar entre eles o espírito do catolicismo romano que se desejava difundir a outras regiões do país, e ao mesmo tempo obter nas colônias de imigrantes as vocações religiosas e sacerdotais que deveriam reforçar as lideranças reformadoras do Brasil.

Missões entre os indígenas A atuação dos religiosos entre os indígenas obedecia não apenas ao interesse pastoral do episcopado, mas também às orientações políticas do governo brasileiro. Os religiosos europeus, de fato, vinham imbuidos não apenas da convicção religiosa de "constituírem <sup>com</sup> os pregoeiros da fé católica e da salvação, mas também da ideologia colonialista da época, que considerava as populações indígenas como "bárbaras" e "selvagens", necessitadas portanto de serem incorporadas o mais rapidamente possível ao mundo civilizado. Esse último aspecto correspondia plenamente ao projeto de expansão econômica do governo: o índio domesticado e cristianizado ofereceria menos entraves ao interesses da expansão agrícola nas vastas regiões por eles habitadas, poupando assim a necessidade do uso da força militar. Já desde meados do século passado os capuchinhos haviam iniciado o trabalho missionário em diversas regiões do país. A eles vieram juntar-se em fins da época imperial, os dominicanos, com atividades missionárias em Goiás, os salesianos, com atuação missionária no Mato Grosso e os espiritanos, com presença entre os índios da Amazônia. Pouco a pouco, aliás, outras congregações e ordens foram também abrindo frentes de atividades missionárias. Nessa atividade missionária os religiosos encontram por vezes a colaboração de congregações femininas, como as Filhas de Maria Auxiliadora que trabalhavam ao lado dos salesianos.

Área de saúde . A atuação no setor de saúde durante o período de implantação da reforma tornou-se uma característica nitidamente feminina. Foram

as freiras que mais se destacaram nessa área, quer mediante a direção e atendimento de hospitais, santas casas e casas de saúde, quer atuando na prática da enfermagem, embora inicialmente poucas tivessem cursos de profissionalização. A presença das religiosas na área hospitalar tinha como finalidade primordial uma perspectiva pastoral: garantir aos enfermos a assistência religiosa, em modo especial na hora da agonia. Conforme a mentalidade tridentina, esses últimos momentos eram decisivos para a definição da sorte eterna de felicidade ou de castigo. Nesse sentido também os religiosos davam sua colaboração, como capelães. A congregação que mais se dedicou às atividades de assistência hospitalar, já desde a época imperial, foi a das Filhas da Caridade. Alias, o título de "irmãs da caridade" generalizou-se para todas as religiosas que desempenhavam funções na área de saúde. Sobretudo a partir da república, o número de religiosas atuando no setor de saúde cresceu muito, incluindo religiosas das mais diversas congregações, tanto de fundação europeia como de fundação brasileira.

Assistência social. A crise e decadência do antigo catolicismo luso-brasileiro, com suas ordens terceiras e irmandades, abriu um espaço significativo na área da assistência social, que passou a ser ocupado/sobretudo por congregações religiosas femininas. As freiras passaram a atuar junto a asilos de velhos, orfanatos e cresches de crianças pobres e desamparadas. Trata-se aqui também de uma atuação significativa da vida religiosa junto aos marginalizados da sociedade, embora marcada por uma mentalidade assistencialista, ainda não orientada para a promoção social. Nesse trabalho assistencial, em coerência com a visão de mundo típica do catolicismo ultramontano desse período, prevalecia uma perspectiva de ordem social nitidamente conservadora, onde a preocupação com o aspecto espiritual da vida obscurecia com frequência e chegava mesmo a impedir uma percepção mais nítida das estruturas de opressão próprias de uma sociedade latifundiária e escravocrata. A necessidade de sobrevivência econômica das obras e de sustento das próprias religiosas fazia com que frequência tais instituições encontrassem seu apoio financeiro nos colégios femininos orientados para as classes mais abastadas do país.

### III. OS RELIGIOSOS E A SOCIEDADE BRASILEIRA

Nos tópicos anteriores analisamos a presença e a atuação dos religiosos a partir da ótica da instituição eclesial, e da colaboração oferecida por

eles ao projeto reformista do episcopado. Nesta última parte desejo fazer algumas considerações sobre os vínculos estabelecidos por esses numerosos institutos religiosos com a própria sociedade brasileira, tanto em termos políticos, como culturais e socioeconômicos.

### O aspecto político

Uma das orientações básicas do movimento reformador era promover o afastamento do clero da participação política. O que a Santa Sé vetava, porém, não era tanto o interesse do clero pela política, como a simpatia e o apoio que alguns grupos de clérigos e leigos haviam dado às ideias liberais. Aliás, pensamento ultramontano veiculado pela Santa Sé no século XIX estava ainda vinculado profundamente à tradição monárquica do direito divino dos reis, com suas formas absolutistas de governo. Os numerosos institutos religiosos que se foram implantando no país a partir de meados do século passado estavam todos marcados pela ideologia anti-liberal, reacionária em relação aos avanços da modernidade em termos de organização política do Estado em bases mais democráticas. Não aceitavam a laicidade do Estado, apregoando a necessidade de sua sacralização pelo poder espiritual da Igreja.

Fieis às orientações da Santa Sé, os religiosos mantiveram durante todo esse período uma posição política nitidamente conservadora, com declarações explícitas contra o liberalismo tanto nos periódicos por eles dirigidos como nos livros publicados em suas editoras. Um exemplo típico dessa postura encontra-se no hino oficial das congregações marianas, promovidas pelos jesuitas em todo o país, onde se canta este estribilho muito expressivo:

"O inferno rugo - Enfurecido - O Altar e o Trono - Quer destruído".

Aliás, diversos institutos religiosos se haviam estabelecido no Brasil após a sua expulsão da França e de Portugal, em força do predomínio das correntes liberais, com uma acentuação anticlerical bastante nítida. Assim sendo, não escondiam esses religiosos suas restrições com relação ao ideário liberal, seja verbalmente, seja através de suas publicações.

Em termos gerais, portanto, pode-se dizer que a presença das inúmeras instituições religiosas europeias no país consolidou tanto entre as classes mais populares, como entre as camadas médias e abastadas atingidas pelo penamento católico uma visão profundamente conservadora com relação à evolução política do país, com nítida simpatia para com os governos de cunho autoritário.

### O aspecto cultural

A presença de numerosas congregações masculinas e femininas no Brasil favoreceu grandemente o processo de romanização da Igreja, e a afirmação de suas características marcadamente europeias nesse período.

Numa perspectiva global, pode-se afirmar que a atuação dos institutos religiosos vindos da Europa é assinalada por formas de colonialismo cultural acentuado. Como regra geral, existe por parte dos religiosos que ~~aportam~~ aportam no país uma nítida consciência de sua superioridade cultural, e uma preocupação em amoldar a realidade brasileira a seu mundo de valores. Não há dúvida de que alguns institutos ou membros isolados de congregações mostraram-se mais sensíveis ao povo brasileiro, às suas tradições e à sua cultura. Na realidade, porém, constituem exceções dentro do conjunto.

Os religiosos, portanto, atuam não somente como portadores da ortodoxia romana para o Brasil, mas também como instrumentos de dominação cultural europeia. Esse domínio cultural, por sua vez, encontrava ampla receptividade na burguesia emergente nos centros urbanos, cujos olhos mantinham-se geralmente voltados para a Europa, considerada como padrão exclusivo de cultura.

Em seus relatórios, esses religiosos europeus não escondem suas críticas seja às antigas tradições lusitanas que marcavam o catolicismo do país, seja aos costumes que regulavam a vida social brasileira. Nos estabelecimentos dirigidos pelos religiosos nota-se pouca sensibilidade para com os modos de vida típicos do povo brasileiro, havendo em geral preservação e por vezes imposição dos costumes por eles trazidos da Europa.

Por via de regra, também, não se nota interesse pelo conhecimento e promoção da cultura brasileira. Na própria formação dos futuros religiosos e sacerdotes existe um preconceito acentuado com relação às vocações brasileiras. Por essa razão, privilegiavam-se as colônias de imigrantes europeus como os celeiros ideais de recursos humanos necessários para o preenchimento das fileiras clericais. Não faltam, também, manifestações explícitas de preconceito racial, sobretudo com relação aos negros e mulátos.

Na construção e reforma de conventos, colégios e igrejas predominam os estilos europeus, sem consideração alguma para com o passado artístico do país.

### O aspecto sócio-econômico

A significativa atuação dos religiosos a partir de meados do século passado permitiu que a Igreja pudesse abandonar suas bases de apoio na tradicional aristocracia rural transferindo-a para as classes médias emergentes nos centros urbanos. Não se trata de ruptura, mas de uma adaptação progressiva à evolução sócio-econômica do país.

A maioria dos institutos religiosos vindos para o Brasil tinha como meta específica o trabalho entre as camadas pobres da população, seja através do ensino e da educação seja através do atendimento à saúde e a obras de assistência social.

Não obstante, não contando geralmente com o apoio do governo, sobretudo após o decreto de separação entre Igreja e Estado no início da república, grande parte das congregações religiosas passou a exercer atividades educativas nos centros urbanos, junto às camadas médias altas da população. A finalidade básica era a obtenção de recursos financeiros tanto para a formação e manutenção dos religiosos, do próprio instituto, como para sustentar e incrementar as obras de assistência social.

O regime competitivo típico do sistema capitalista, que se implantava no país exigia contínuos investimentos em recursos econômicos e humanos para o melhoramento dos colégios. Desse modo, os internatos e externatos, destinados aos filhos das classes abastadas passaram a ter prioridade nas atividades de muitas congregações, ocupando assim as obras destinadas aos pobres apenas um lugar secundário.

Não se deve esquecer, além disso, que a educação da burguesia emergente numa linha católica marcadamente autoritária e conservadora constituía uma das metas prioritárias do próprio episcopado, afim de fazer frente tanto à educação leiga como à educação protestante, de cunho mais liberal.

Embora grande parte das vocações para os institutos religiosos tenha vindo das áreas das colônias de origem europeia, a prolongada formação nos seminários e casas religiosas permitia pouco a pouco aos novos candidatos a assimilação de valores burgueses mais típicos da sociedade urbana. Mais tarde, as atividades nas paróquias e colégios nos centros urbanos consolidava nesses religiosos uma perspectiva burguesa de análise da realidade brasileira, permitindo assim uma maior integração dos institutos religiosos com a cosmovisão típica das classes médias em ascensão, bem expressa no lema da bandeira brasileira: Ordem e Progresso.

Desse modo, acentuava-se também um receio com relação a reformas ou revoluções que pudessem alterar essa ordem, com denúncias que passaram a ser cada vez mais frequentes com relação ao perigo de infiltração de ideias socialistas e comunistas entre os operários.

### CONCLUSÃO

O forte contingente de institutos religiosos presentes no Brasil a partir de meados do século passado constitui um poderoso auxílio para o episcopado na tarefa de implantação e consolidação da Reforma Católica.



A perspectiva básica dos religiosos estava muito mais voltada para o fortalecimento da instituição eclesiástica do que para uma presença eficaz dentro da sociedade brasileira, consoante, aliás, com o próprio projeto reformista do episcopado.

É a partir do eixo da instituição eclesiástica, marcadamente hierárquica e clerical, que se desenvolve toda a ação de reforma de clero e do povo cristão. A preocupação fundamental é a defesa da instituição eclesiástica, contra os ataques dos liberais, que a consideram superada. Por seu turno, a Igreja busca ainda arrimo nas antigas monarquias católicas, prestigiando o valor da união entre Igreja e Estado.

Em força das transformações socioeconômicas que se operaram no país com o fim do regime escravocrata e o início progressivo da industrialização, os religiosos ~~sintir~~ embora ainda imbuidos de uma visão política tradicional, foram obrigados a mudar suas bases socioeconômicas. Assim sendo, pouco a pouco a pouco abandonam a antiga aliança com a aristocracia rural para estabelecer novos vínculos com as classes médias e abastadas em ascensão nos centros urbanos. Esta colaboração é articulada sobretudo com aqueles grupos mais conservadores, geralmente de raízes rurais, e ~~mantenedores~~ mantenedores de uma visão autoritária da sociedade.

O trabalho educativo junto as classes médias, dentro dos padrões da cultura clássica, foi desenvolvido com seriedade, tendo os colégios dos padres e freiras adquirido elevado conceito na sociedade brasileira.

A ação dos religiosos junto as camadas populares, porém, ocupa um lugar secundário nessa etapa histórica, e aparece mais numa linha de assistencialismo do que de promoção social, mais numa perspectiva religiosa do que voltada para os seus problemas humanos. A parte mais significativa foi sem dúvida a desenvolvida pelas freiras na área de saúde e de assistência social.

Convem recordar, por fim, que diante de grupos rurais que apregoavam mudanças sociais dentro de uma perspectiva messiânica, como em Canudos e no Contestado, bem como junto às populações indígenas que ainda se conservavam refratárias ao processo civilizatório, os religiosos oferecem sua mediação no sentido de defender os interesses políticos e econômicos do governo, procurando enfatizar ~~o~~ junto a esses setores marginalizados a necessidade de enquadramento dentro da ordem social estabelecida, sob pena de punição e extinção, por parte das forças militares.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICASSobre a Reforma Católica no Brasil:

Azzi, Riolando, O movimento de Reforma Católica durante o século XIX, REB, 1974, setembro, pp 646-662

Sobre a atuação de D. Pedro II na Reforma Católica

Boehrer, George, A Igreja no Segundo Reinado: 1840-1889 in Conflito e Continuidade na sociedade brasileira- Ensaios, Rio, Civilização Brasileira, 1970, pp. 134-167

Azzi, Riolando, D. Pedro II e a Reforma do Clero, RIHGB, 1977, jan-março, pp.22-44

Azzi, Riolando, D. Pedro II e as Ordens Religiosas, RIHGB, 1977, julho- set. pp. 124-179

Sobre a atuação geral dos religiosos nesse período:

Beozzo, <sup>José</sup> Oscar, Decadência e Morte, Restauração e Multiplicação das Ordens e Congregações Religiosas no Brasil 1870- 1930, in A Vida Religiosa no Brasil, Enfoques Históricos, Edições Paulinas, 1983, pp. 85-129

Azzi, Riolando, Os religiosos e o movimento de reforma católica no século XIX Convergência, 1975, junho, pp. 301- 317

Azzi, Riolando, Os institutos religiosos durante a época imperial, Convergência, 1978, setembro, pp. 435-447

Sobre os Lazaristas e as Filhas da Caridade:

Azzi, Riolando, Padres da Missão e movimento brasileiro de reforma católica no século XIX, Convergência, 1974, dezembro, pp. 1237 - 1256

Azzi, Riolando, As Filhas da Caridade e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX, Convergência, 1975, maio, pp. 232- 249

Sobre a Companhia de Jesus:

Azevedo, Ferdinand, Espiritualidade ultramontanista no nordeste( 1866-1874) :um ensaio, in A Vida Religiosa no Brasil, Enfoques Históricos, Ed. Paulinas, 1983, pp. 74-84

Azzi, Riolando, Os jesuitas e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX, Convergência, 1976, outubro, pp. 491-505

Azzi, Riolando, Os Jesuitas e a Questão Religiosa, Convergência, 1978, outubro, pp. 485- 510

Sobre a implantação de novos institutos masculinos

Azzi, Riolando, A vinda dos Redentoristas para o Brasil na última década do século passado, Convergência, 1977, julho- agosto, pp. 367-382

Azzi, Riolando, A vinda dos domênicos ao Brasil durante a época imperial, Convergência, 1977, dezembro, pp. 620-637

Azzi, Riolando, A vinda dos padres claretianos ao Brasil, Convergência, 1978, abril, pp. 172- 193

Azzi, Riolando, Os salesianos no Brasil à luz da história, São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1983.

Sobre os institutos religiosos femininos

Azzi, Riolando, A vida religiosa feminina no Brasil na época colonial e imperial, Convergência, 1976, novembro, pp. 653-661

Santos, João, A primeira fundação religiosa feminina na Amazônia, in A Vida Religiosa no Brasil, Enfoques Históricos, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983 pp. 193-213

Azzi, Riolando, As irmanzinhas da Imaculada Conceição, Convergência, 1978, junho, pp. 300- 321

Azzi, Riolando, A vinda das Filhas de Maria Auxiliadora para o Brasil, Convergência, 1978, novembro, pp. 566-575

Sobre os antigos recolhimentos transformados em conventos:

Hoornaert Eduardo, De Beatas a Freiras: Evolução Histórica do Recolhimento da Glória do Recife, in A Vida Religiosa no Brasil, Enfoques Históricos, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983, pp. 61-73

Sobre a reforma das antigas ordens :

Jongmans, J., A Reforma da Ordem beneditina no Brasil ( 1890 - 1910 ), in A Vida Religiosa Feminina no Brasil, Enfoques Históricos, São Paulo, Edições Paulinas, 1983, pp. 130-150

Fragoso, Hugo, Uma contribuição para a história vocacional da província franciscana de Santo Antônio in A Vida Religiosa no Brasil, Enfoques Históricos, São Paulo, Edições Paulinas, 1983, pp. 151- 197